



“Representações ‘institucionais’ face a algumas populações migrantes e não migrantes minoritárias na sociedade portuguesa”

Maria Manuela Mendes¹

Introdução

Tendo como pano de fundo uma pesquisa mais ampla cujo *objectivo central* se prende com a identificação, caracterização e compreensão das representações e emoções vivenciadas pelos imigrantes russos e ucranianos e ciganos em situações de discriminação, contextualizadas na sociedade portuguesa, pretende-se com esta comunicação discutir sem pretensão de exaustividade alguns dos resultados preliminares de um trabalho ainda de carácter exploratório em que se procedeu à realização de 45 entrevistas aos agentes sócio-institucionais (IPSS's, Associações sindicais, Associações patronais, Escolas, Associações imigrantes, Associações de Ciganos, Organismos da Administração Pública Central e Local, etc.) com intervenção directa e quotidiana junto

de populações minoritárias migrantes e não migrantes residentes na Grande Lisboa e Península de Setúbal. Nesta discussão, procurar-se-á evidenciar posicionamentos contrastantes e articulações no tocante às representações construídas (pelos representantes das instituições) em torno das identidades hetero-atribuídas aos ciganos e aos imigrantes provenientes da Rússia e da Ucrânia. Neste contexto, a discussão focalizar-se-á em torno da construção da diferenciação entre ciganos e imigrantes face à sociedade maioritária.

1. Visibilidade dos fluxos migratórios da Europa de Leste em Portugal

Nos anos 80², alguns dos países da Europa Mediterrânica (Itália, Espanha, Grécia e Portugal) passam a configurar-se como lugares de imigração, quando anteriormente eram, de forma quase exclusiva, fornecedores de mão-de-obra. Pode-se encontrar nestes países uma espécie de sincronia entre emigração e imigração. Nesta década e na seguinte acentuaram-se, em contexto internacional, e particularmente europeu, as restrições à entrada de imigrantes económicos. Com efeito, tem-se vindo a registar um reforço da autoridade da polícia na regulação da imigração, e assim tende a se confinar a política migratória apenas à dimensão policial (Sasken, 2002, p. 14).

Em Portugal, o acréscimo recente da imigração é considerável. As pressões migratórias por parte dos países pobres ou economicamente e politicamente fragilizados, as relações de proximidade histórica, cultural, política e geográfica com África e Brasil, o envelhecimento da nossa estrutura demográfica, conjugada com as necessidades de mão-de-obra em alguns sectores específicos de actividade, constituem alguns factores que justificam a transformação do estatuto do nosso país no contexto dos movimentos migratórios internacionais - de país emissor, para país de destino e receptor de fluxos migratórios internacionais.

¹ Socióloga, FA/ UTL.

² Anne de Rugby sustenta que essa tendência se iniciou um pouco antes, mais precisamente em meados dos anos 70 (Rugby, 2000).

A visibilidade do fenómeno imigratório e a sua concentração em alguns espaços territoriais, como a Área Metropolitana de Lisboa, é algo que se torna mais perceptível a partir da década de 80. O nosso país foi marcado por várias vagas migratórias, correspondentes a períodos temporais e grupos imigrantes diferenciados. Entre 1980 e 1990, predominaram os contingentes imigratórios provenientes de Cabo Verde e Brasil. Nos anos 90, os fluxos migratórios com origem nos Palop avolumam-se e diversificam-se; para além dos cabo-verdianos, é considerável o número dos imigrantes de nacionalidade angolana e guineense, continuando a ser considerável a imigração brasileira. Em 2001, os efectivos imigrados oriundos da Europa do Leste suplantam as entradas autorizadas (autorização de permanência) dos imigrantes africanos e europeus. E se, tradicionalmente, o nosso país atraía de forma dominante fluxos internacionais de mão-de-obra pouco qualificada, a nova vaga de imigrantes do Leste veio tornar mais complexa a composição sócio-profissional dos imigrantes. De facto, entre as vagas migratórias que têm como destino o nosso país, denota-se desde 2000 até à actualidade uma mais ampla diversidade de origens e uma maior complexidade ínsita ao fenómeno.

Até finais de 2002, o número de imigrantes com a sua situação regularizada via Autorizações de Permanência atingia já os 62 149 indivíduos de nacionalidade ucraniana (+ 519 Autorizações de Residência³), 12 050 moldavos, 10 453 romenos e 6 829 russos (+ 852 residentes). Estima-se que estes quantitativos possam ser maiores, se lhe adicionarmos aqueles que ainda não têm a sua situação regularizada.

Em 2000 e 2001 a imprensa diária referia-se a estes imigrantes nos seguintes moldes: têm uma maior facilidade de “integração” entre nós, pois aprendem com mais facilidade a língua portuguesa, têm uma maior mobilidade geográfica, exteriormente as diferenças visíveis ou imaginadas não são tão acentuadamente contrastantes com as da população portuguesa (nomeadamente ao nível da cor da pele, da textura do cabelo, da estrutura óssea, da forma como se vestem, do nível cultural e educacional). A imagem projectada pelo discurso comum e mediático foi nesta fase inicial globalmente positiva, estes imigrantes diferentemente de outros com os quais temos uma experiência de co-presença mais longa, despertam facilmente solidariedades informais, “não arranjam problemas”, “são mais educados”, “estão a animar as aldeias”, “têm outra preparação”,

³ Fonte SEF, dados ainda provisórios, obtidos em 2004.

sendo “mais fácil lidar com eles”. Contudo, ao longo do tempo, essa imagem tem sofrido alguns ligeiros “abalos” dada a associação que surge evidenciada nos discursos dos *media* destes imigrantes a grupos de extorsão, bem estruturados e que praticam uma criminalidade organizada e violenta.

2. Imagens sobre os *Outros* minoritários

Relativamente ao *grupo étnico cigano*, apesar da sua presença entre nós ser secular, aquele permanece ainda como um grupo desconhecido e não reconhecido. Não estamos face a um grupo imigrante, estatuto comum ao outro grupo empírico alvo de análise neste estudo; pois têm cidadania portuguesa. Hoje em dia, a maior parte dos ciganos residentes em território nacional são sedentários, embora a representação socialmente difundida do modo de ser cigano é a da itinerância e do nomadismo. Confrontamo-nos, no quotidiano e de forma frequente, com situações mediaticamente amplificadas e que retratam acções de discriminação face a este grupo; os ciganos constituem, entre nós, um grupo despoletador de polémica e controvérsia. Nos *media* e no discurso popular os ciganos surgem como um grupo “problemático” e gerador de conflitualidades, como um grupo que vive nos interstícios ou “nas margens” da sociedade. No plano das características culturais, os *ciganos* parecem configurar um posicionamento de elevado contraste no contexto da sociedade portuguesa - pela filiação religiosa, utilização de línguas próprias, uma forte endogamia, e também por alguns aspectos constituintes do seu modo de vida, entre os quais se destaca a intensidade da sociabilidade e solidariedade intra-étnica (assente numa forte organização social cujo pilar fundamental é a família). Os *ciganos* vivenciam uma situação de “etnicidade forte” (convergência num grupo minoritário de múltiplas dimensões de contraste social e cultural face à sociedade envolvente), na medida em que se demarcam do “espaço envolvente simultaneamente pela condição social, características demográficas, concentração espacial, língua, religião, endogamia e modos de vida, e, globalmente, pelos efeitos combinados de todas essas dimensões de contraste” (Machado, 1992, p. 128).

Relativamente aos ciganos subiste historicamente uma imagem negativa, e que tem persistido e resistido ao longo do tempo. Os mitos relativamente a este grupo étnico

adensam-se até porque para uma certa indefinição sobre o nº de ciganos residentes em Portugal, entre 30 a 50 mil (?), mais recentemente o ACIME estabeleceu o quantitativo de 45 000.

Devido ao passado colonial lusitano, Portugal surge nos discursos político, mediático e comum como um país de "brandos costumes", de fácil miscigenação com outros povos, afirma-se que o racismo entre nós nunca assumiu as configurações que assumiu nos contextos coloniais anglo-saxónicos. Dificilmente encontramos alguém que se declare como racista, no entanto, não deixa de ser surpreendente a atitude de desvalorização que marca a avaliação que os portugueses fazem do contributo dado pelos grupos imigrantes e étnicos (indianos, europeus da UE, africanos, brasileiros e ciganos) à sociedade portuguesa (Garcia (org.), 2000). Há uma desvalorização e não-reconhecimento do papel económico dos trabalhadores estrangeiros associada a uma certa construção ideológica, que privilegia os aspectos sócio-culturais da imigração, nomeadamente as dissemelhanças e oblitera o seu papel na economia (Cegarra, 2002, p. 47). Não raro encontra-se uma atitude paternalista face aos imigrantes negros, bem como uma atitude de repúdio manifesto (por vezes, de forma aberta e radical) face aos ciganos.

Acresce o facto de, os estrangeiros serem por vezes acusados de todos os males, nomeadamente por parte dos partidos e sectores sociais xenófobos, o que é mais evidente, nos períodos de crise económica em que se difunde a ideia de que o estrangeiro é um concorrente directo do autóctone. Com frequência os media veiculam uma imagem monolítica sobre os imigrantes e minorias não migrantes, quase sempre associados a "problemas" (Jouët e Pasquier, 2001). No discurso popular, mas igualmente no científico é frequente a tendência para a essencialização da diferença. Se no caso dos ciganos esta tendência é mais evidente, no caso dos imigrantes de leste, também portadores de alteridade, os níveis de diferenciação são mais finos e menos ostensivos.

Aos ciganos é-se-lhes atribuída uma condição de "estranheza", e de diferença, atitude que tem por base intuits discriminatórios e segregacionistas.

Para a sociedade maioritária a postura dos ciganos parece ser bem diferente da dos imigrantes, sobretudo dos imigrantes de leste, porque os imigrantes respeitam os valores centrais da sociedade dominante. As dissemelhanças destes imigrantes face à

sociedade maioritária tendem a ser minorizadas ou até atenuadas, em contrapartida, acentuam-se as diferenças residuais, parciais e facilmente assimiláveis.

Pensar a diferença implica automaticamente pensar em hierarquias. A diferença não é neutra, Simonetta Tabloni esclarece que “*il n’y a pas de différence sans inégalité*” (in Wieviorka e Ohana, 2001, p. 73). O reconhecimento da diferença significa a atribuição de uma qualidade de superior ou inferior a um dado grupo. Algumas minorias culturais são por vezes alvo de uma inferiorização com base na diferença. No limite a afirmação da diferença leva à destituição da humanidade a um dado grupo de indivíduos.

A interacção com o estrangeiro (interno e externo) ou com o estranho é geralmente marcada por alguma ambivalência. Como diz Simmel o estrangeiro é simultaneamente próximo e longínquo⁴. A ambivalência reflecte a relação assimétrica em termos de poder no quadro da interacção entre as duas partes.

A identidade do grupo é também fabricada pela sociedade maioritária a partir da “diferença” percebida, pode ser um nome, uma religião, a cor da pele, uma história, uma pertença étnica... Há uma hetero-imagem que se lhe impõe, que poderá ser uma imagem estigmatizada (identidades reais *versus* identidades virtuais) (Lapeyronnie in Wieviorka, M. (dir.) (1997), pp. 261-4).

Neste processo de diferenciação social, os actores fixam em relação a outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identificação) (Pinto, 1991: 218). A construção de identidades alimenta-se sempre de alteridades (reais ou de referência). A diferença do Outro funda-se naquilo que é considerado como diferença essencial em relação ao Eu.

As identidades, estão em constante negociação no contexto da sociedade abrangente. As fronteiras entre *Nós* e os *Outros* são fluidas e dinâmicas, sendo actualizadas e reactualizadas em situação de interacção quer intra membros do grupo, quer entre não membros. As fronteiras são negociadas no espaço transaccional.

Nesta dinâmica relacional é necessário atender aos processos de atribuição categorial, processos de classificação que interferem na interacção entre “Nós” e “Eles”.

⁴ A sua posição no grupo para o qual migra “é essencialmente determinada pelo facto de não ter feito parte dele desde o início” e por ter uma elevada capacidade de mobilidade. Ver a este propósito Georg Simmel (2004), *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio D’ Água, p. 133-8.

A identidade constrói-se na relação entre a categorização pelos não membros e a identificação com um grupo particular. Tajfel considera que os processos de categorização social permitem ao sujeito organizar a informação que recebe do seu ambiente, privilegiando algumas características e subvalorizando outras. O estabelecimento de uma categoria exige, em contrapartida, a constituição da categoria inversa. Neste sentido a perspectiva de Tajfel tem em conta a influência de outrem na elaboração das percepções do sujeito (cf. Lipiansky, Taboada-Leonetti, Vaquez, 1997: 14).

A construção de identidades atribuídas faz-se em grande medida através da construção de uma diferença comum face ao Outro (Anthias, 1990, p. 21).

Os processos de designação e de atribuição de identidades prestam-se à justificação da diferença aparente (Fernandes, 1995: 44) legitimam atitudes e práticas de marginalização e de segregação, ou seja, de “pôr à margem”.

Partindo da “identidade para o outro”, atenta-se ao discurso dos actores sócio-institucionais, o que deixa antever elementos denunciadores de representações, construídas a partir das relações interpessoais reais ou imaginadas - possivelmente “identidades sociais virtuais” (Goffman).

Não se pretende que a discussão dos resultados preliminares da análise das entrevistas seja uma mera descrição de um conjunto de curiosidades exóticas, nem tão pouco uma tentativa de romantização da alteridade.

Como é que os actores sócio-institucionais com intervenção junto destas populações simbolizam este encontro com a alteridade?

O discurso sobre a diferença traduz de algum modo o conhecimento ou desconhecimento dominante dos actores sócio-institucionais face a estas populações. Em face da alteridade tende-se a manter uma certa distância (Tabboni in Wieviorka (dir.) (1997), pp. 247-8). Na marcação de distâncias, os actores sócio-institucionais não valorizam muito os traços ou aspectos fisiológicos e fisicamente visíveis, mas sobretudo práticas e valores culturais, ou seja, a "diferença" é essencialmente cultural. Passamos à análise dos “saberes sobre os outros” que têm como objecto estes imigrantes recém-chegados à sociedade portuguesa e um outro grupo cuja presença entre nós tem mais de 500 anos.

3. Elementos de diferenciação entre imigrantes da Rússia e da Ucrânia e nacionais

Com uma forte vontade de integração, alguns dos representantes das instituições de nacionalidade russa e ucraniana tendem a não valorizar as diferenças e declaram que são muito parecidos com os portugueses, até porque antes de mais são todos europeus. Outros referem que as diferenças culturais são muito acentuadas, e o significado que atribuem à experiência da alteridade é a de estranheza: quando cá chegam tudo lhes parece muito estranho e estavam muito assustados, falam mesmo num “*choque cultural e psicológico*”, e a melhor forma de lidar com a situação é criar um certo distanciamento.

Mas, são sobretudo os representantes de nacionalidade portuguesa que dizem que há grandes diferenças, embora estas possam passar despercebidas, ou ser quase imperceptíveis.

“E aqui no Portugal, quando pessoa chega, ela apanha um choque psicológico também porque aqui, mas não temos nem casa, nem amigos, nem família e esta terra é estranha para nós e pessoa começa portar-se aos outros com mais distância”. (Entrev. 22, Associações de imigrantes)

As designações usadas para nomear os imigrantes em análise são diversas, os entrevistados de nacionalidade portuguesa falam em imigrantes de leste, mas também em “povo eslavo”, especificando por vezes a nacionalidade de origem; os representantes das instituições com nacionalidade russa e ucraniana, preferem usar outras designações que demonstram a grau de fusão e incorporação da pertença - “os nossos”, “a nossa gente” e “as nossas pessoas”.

Enunciam-se alguns dos elementos que facilitam a marcação da diferença e a identificação visual destes imigrantes, elementos que estão presentes no estereótipo que a sociedade de acolhimento já construiu: a cor clara do cabelo e dos olhos, a tez clara, a estatura (mais elevada), a curvatura da coluna e pescoço (a direito), a forma de vestir (mais tradicional) e o facto de quase sempre se fazerem acompanhar do saco de plástico (dos hipermercados).

Os representantes nacionais estabelecem uma linha de demarcação clara entre os imigrantes de leste categorizados como eslavos (russos, ucranianos e bielorrussos) e os

não eslavos (romenos e moldavos). Em geral, e principalmente aos eslavos, são-lhes prescritos alguns atributos: são fechados, introvertidos e reservados, por oposição aos nacionais, classificados como pessoas abertas, extrovertidas e expansivas; *“parece na generalidade do que conheço, têm duas características fundamentais: são pessoas de exposição clara do que pretendem e naturalmente devido a esta fase em que estamos com um certo receio; não é receio, é um certo recolhimento, pouca expansão, uma certa introversão. Mas o que me parece é que são francos, directos, sabem o que querem, mas são muito introvertidos. (...) Não tenho conhecimento suficiente para dizer se isto é uma questão estrutural ou meramente situacional ou da actual conjuntura, não sei. Agora, mesmo com quem tenho lidado mais – os activistas, os delegados – dão-se, contactam-se, são fraternos, mas são reservados. Penso que o termo reserva seja o mais adequado”*. (Entrev. 4, Associações Sindicais)

No entanto, esta opinião foi manifesta essencialmente pelos representantes sócio-institucionais com nacionalidade portuguesa, entre os consulados, jornais e associações de imigrantes a opinião é diferente: os imigrantes da Europa de leste são mais abertos que os portugueses, até porque a abertura demonstrada pelos portugueses é uma espécie de “fachada” que surge na interacção social, mas que tem essencialmente um carácter transitório e superficial.

“Ao contrário do que é habitual pensar que russos ou imigrantes do leste são muito digamos fechados, ao contrário, são muito abertos, estou a pensar que um português que fala muito também é aberto mas nem, não é assim, portanto isto digamos é, é o modo de comportamento mas não é modo de pensamento do português, é questão de educação, de comportamento, eu nunca ouvi que um português pode, pode, estou a pedir algo ele me respondesse não, ele diz sim amanhã de manhã, amanhã de manhã, na semana que vem, sim, claro, claro doutora fique descansada vamos resolver, não se resolve nada. Mas na Rússia não é isto. (Entrev. 40, Associações de imigrantes)

Alguns dos entrevistados chegam a afirmar que estes imigrantes são frios e distantes, “não riem, nem sorriem muito”, em comparação com os nacionais e até com outras populações imigrantes (africanos e brasileiros).

“O africano gosta de de, de, de ser divertir, tem outra maneira, tem, gosta de quando ri, ri com a boca toda e o que não acontece com... com as pessoas destes países, se calhar, eles até nem riem. Mas isso tem a ver com a característica do próprio povo.

Eu acho que há um esforço do imigrante do Leste ser parecido com português, aliás a maneira de se ser e de estar do imigrante do Leste é idêntica... não vou dizer que é idêntica à portuguesa, vou dizer que é idêntica... faz parte dos traço deles, aliás são europeus, não é, por exemplo, um imigrante do Leste entre no metro ou no autocarro não fala alto, ao contrário dum africano “é pá, estás porreiro, não sei quê...”, quer dizer aquilo é uma barafunda, paz e alegria, mas é o contrário do imigrantes do Leste”. (Entrev. 37, Organismos Públicos)

Aqueles técnicos que cultivaram uma relação de maior proximidade com os imigrantes, consideram que a frieza inicial não é mais do que um mecanismo de protecção e defesa e que se vai desvanecendo ao longo do tempo, dando lugar a um envolvimento emocional até excessivo. Em algumas situações cria-se relações de forte dependência afectiva.

Os representantes das instituições que são nacionais da Rússia e da Ucrânia declaram que contrariamente às teorias implícitas sobre a maneira de ser do imigrante de leste, estes imigrantes são sentimentais, sensíveis e manifestam nostalgia (aproxima-se do significado que nós atribuímos às saudades, palavra não reconhecida pelos imigrantes) face ao país de origem. Acrescentam que, foram educados a reprimir e esconder os sentimentos, a não os expor em locais públicos e perante outrem. Ou seja, foram socializados para não mostrar aquilo que sentem, não querem mostrar quem são *“se eu mostro os meus sentimentos, mostro aquilo que eu sinto”*. (Entrev. 24, Assoc. de imigrantes). Neste contexto, em interacção assumem uma espécie de fechamento visual: *“visualmente nós não abrimos, mas quando abrimos visualmente isso quer dizer que já é tudo”* (Entrev. 23, Assoc. de imigrantes).

Realçam que têm uma outra forma de falar – quando falam não usam a gestualidade, não recorrem a expressões faciais e falam em tom baixo. Também não é socialmente aceitável rir ou chorar na rua e noutros locais públicos, assim como, falar de assuntos pessoais. Os sentimentos e assuntos pessoais devem ser mostrados apenas no

espaço privado, na intimidade. Por desconhecimento, a maioria constrói uma imagem deturpada destes imigrantes acusando-os de serem pessoas frias, distantes e destituídas de sentimentos.

Em oposição os portugueses são percebidos como indivíduos que falam sistematicamente num tom muito alto nos espaços públicos, não se coibindo em abordar assuntos privados e até íntimos em público - *“eles falam para toda a gente ouvir”*.

“Se calhar que por já estamos habituados fechar, esconder os nossos sentimento porque é assim, por exemplo, chorar no público não dá, não se pode. Chego a casa, fecho-me em casa, até mesmo próprio filho não ver, choro. Rir, rir alto na rua, fica mal educado. Onde posso rir, onde é sítio apropriado para isso, um espectáculo de humor, dos humoristas dizem aqueles...piadas, anedotas, não sei o quê. Assim não a rua rir por alto, não. É educação, não é por ser frias...” (Entrev. 24, Associações de imigrantes)

O espaço privado é ainda o cenário preferencial dos imigrantes para as festas e actividades de grupo, enquanto que, os portugueses preferem espaços públicos, como o café, o restaurante, etc. em detrimento do espaço privado. Por outro lado, referem que com mais facilidade recebem pessoas em casa, enquanto que, os portugueses muito raramente recebem amigos ou colegas em casa, preferem encontrar-se em espaços públicos. Para estes, a casa é um espaço reservado à família, assumindo uma postura de maior formalidade e fechamento nas relações interpessoais.

“É assim, é muito diferente do que nós estamos habituados porque acho que nós fomos, pelo menos antes mais abertos e para nós não custou muito de um momento para o outro, levantar, sair de casa e aparecer na casa do meu vizinho ou do meu amigo – não estou a dizer de família, família está aqui fora de questão – não é para jantar, não é para comer à borla, é para conversar, mas quando nós começamos a entrar na casa de outra pessoa, nós começamos a falar, conversar, as crianças começam a brincar, os homens vão fumar e falar dos problemas deles, as mulheres dos problemas delas...” (Entrev. 24, Associações de imigrantes)

A desconfiança foi uma das características mais apontadas, como estando inerente à forma de agir destes imigrantes. Receiam sobretudo os seus conterrâneos e também

ainda que em menor grau as instituições e sujeitos da sociedade de acolhimento. Realça-se a manifesta desconfiança face às associações de imigrantes e sindicais; preferem recorrer a intermediários (de carácter individual) por descrença nas instituições públicas portuguesas e por considerarem uma vergonha resolver qualquer contenda por via judicial. Numa fase inicial da sua presença em Portugal, de uma forma geral, estes imigrantes desistiam da denúncia de situações de exploração e de discriminação dada a morosidade do nosso sistema judicial.

Outros adjectivos são invocados para caracterizar os imigrantes eslavos: melancólicos, tristes, tímidos (em virtude das dificuldades linguísticas receiam ser incompreendidos), invisíveis (querem passar despercebidos), acessíveis (são pessoas de fácil comunicação) e simpáticos. Na interacção os imigrantes de leste são percebidos como sendo francos (até magoam), sinceros, ingénuos, autênticos, directos, frontais, dizem tudo o que pensam; não têm o sentido do que é “socialmente correcto” dizer ou não; parecem serem dotados de poucas competências sociais.

“(...) eu acho que a simpatia, eles são extremamente simpáticos, quando perde a timidez inicial, portanto, são pessoas muito meigas, relativamente ingénuas, não são maldosas, não têm mau no seu íntimo no sentido de estar com segundas intenções, são muito francas, são muito sinceras, às vezes é positivo, outras vezes pode ser negativo, quando também põem em causa a sua vida porque dizem tudo o que pensam, às vezes são um bocadinho broncas porque não não são politizadas no sentido de saber que há coisas que não se deve dizer, soa muito directos e são muito, são muito, isso tem piada...”. (Entrev. 9, Outras ONG’s)

Parece haver uma grande barreira entre sociedade de acolhimento e imigrantes no que toca às relações de amizade e de maior intimidade. Neste âmbito, a diferença cultural parece ser percebida como um obstáculo intransponível.

*“Há, há, há, não tenho dados agora, mas há muitos casamentos... mesmo casamentos reais. É assim, de minha experiência própria, muito difícil, somos muito diferentes. Quando ninguém depende de ninguém, quase é impossível, acho que é impossível, mesmo impossível. É quase impossível porque temos culturas diferentes... Mas é giro.
E – Mas não acha que isso tem a ver com discriminação?”*

como é português, correm, pensam que já é amigo, já é tudo. Se eu chamar uma pessoa amigo é porque ele é meu amigo, eu faço tudo por ele. Se eu dizer que faço tudo por ele, isso quer dizer que eu faço tudo por ti, não é caso português. Português depois de primeiro copo já tem um amigo, faço tudo por ti e há aqui, há diferenças e há umas certas dificuldades perceber um ou outro.” (Entrev. 23, Associações de Imigrantes)

A solidão e o isolamento dos imigrantes aparecem nos discursos como uma possível causa da dependência face ao álcool. Para os representantes com pertença aos países de imigração o consumo de álcool aparece como uma prática cultural específica, moldada pela sociedade de origem do indivíduo. Durante a semana não bebem, apenas à sexta-feira à noite e fim-de-semana, mas quando bebem é até “cair e acabar o álcool”, aqueles que não bebem são repudiados e censurados; não beber não é socialmente bem aceite. A associação destes imigrantes ao álcool foi uma das ideias mais reiteradas pelos agentes institucionais.

“(...) está na cultura, a gente não pode começar almoço sem um copinho. Mas vocês, é assim, aqui português começa o dia com um copo de vinho, café, bagaço, cerveja, cerveja, almoço outra vez vinho, cerveja, cerveja, no fim de dia mais uma Macieira, está bom, ele sempre está alcoolizado, mas um pouquinho. Nós não, nós se começamos dia com um copinho Vodka, ou caímos ao lado, ou bebemos toda a Vodka que existe à volta. É assim, não há, se é para subir, subir, subir, subir, subir até perder-se, até acabar, não há aqueles quantidade, como é aqui. Aqui mesmo grande diferença e depois quando chegas a um certo nível, a partir daí já...acabou”. (Entrev. 23, Associações de imigrantes)

A estes imigrantes está associado ainda o estigma da violência, os entrevistados assinalam que são frequentes situações de conflitualidade em que estão envolvidos estes imigrantes; são situações em que a agressividade, a violência física e a vingança estão presentes.

“(...) algumas por causa do álcool, outras também desentendimentos entre eles ou algum começa. A violência é, de facto, algo que, que está ligado a esta imigração, não é, violência que nós temos algum receio. Não é bem cultural, pois, mas é mesmo estrutural

e porque... o ser uma sociedade corrupta, não é, em que tentou luta contra uma certa hegemonia política de alguns (...), é, é o meio de obrigar a manter alguns direitos e privilégios, como eu lhe disse, se não disse, digo, como estes presos nas nossas prisões do Leste nós tivemos uns debates com directores de prisão, eles têm medo...” (Entrev. 10, Igreja)

Nos vários contextos de interacção social, mas sobretudo no mercado trabalho, os entrevistados são unânimes em considerar que estamos perante uma mão-de-obra muito apreciada pelos empregadores porque são respeitadores, cumpridores, persistentes, esforçados, curiosos, responsáveis, disciplinados, pontuais, correctos, exigentes, organizados, pacientes, rigorosos, cultos, porque aprendem rápido e têm hábitos de estudo, e ainda porque são dotados de uma elevada capacidade de adaptação e de mobilidade, e tendencialmente aceitam tudo de forma passiva (embora seja notória uma atitude mais reivindicativa por parte dos mais jovens), sem se queixar.

“Eu sempre estou a ver portugueses só boas coisas sobre ucranianos, especialmente no nosso nível de comunicação, não? Sempre só relógio e tudo ucranianos são excelentes, são trabalhadores, são especialistas e tudo. São mais competitivos. No plano de concorrência, vocês poderiam perder, no plano de, de rapidez de pensamento, ucranianos são mais rápidos, eles aprendem coisas muito rápido porque, mas é porque eles têm também ensenanza mais forte, nossas escolas são mais fortes que portuguesas, muito mais fortes. Nossas escolas há como chama...exigências?”. (Entrev. 28, Consulados)

Na sua globalidade, e estabelecendo comparações com os nacionais e com outras populações migrantes, nomeadamente com os africanos e brasileiros, os imigrantes de leste são bons trabalhadores, têm elevada capacidade de trabalho e disponibilidade para o trabalho, não são exigentes quanto à remuneração do trabalho, têm uma boa preparação educacional e escolar; são competitivos, gostam de ser os melhores e estão preparados para dar o seu melhor e vencer. Neste contexto, mostram uma forte vontade de afirmação pela via da demonstração das suas capacidades e competências, sabendo aproveitar e tirar partido das oportunidades que lhes são oferecidas. É de realçar ainda o seu forte sentido de normatividade e o respeito que demonstram pela autoridade.

“Portanto, são pessoas com uma capacidade de trabalho fantástica, todos, na maioria, habituados a trabalhar e é tudo para trabalhar e os estudantes são para estudar e são muito bons alunos depois de começarem a falar a língua, porque estão ali para estudar e acabou, portanto, é no duro, estudam muito, aprofundam muito e, geralmente, até agora, todos os que conheço, a partir do primeiro período de aulas, passados 3 meses, passam para os primeiros da turma. Eles mesmo dizem “eu não tenho mais nada fazer senão estudar, não posso esperar de mim mais que não ser o melhor aluno”, mas isso pode ser prejudicial, há gente que tem as mesmas capacidades e eles, realmente, foram muito preparados para dar o seu melhor e para vencer, mas é ali à custa de esforço, e tal, e de muito rigor.”. (Entrev. 9, Outras ONG’s)

Cá em Portugal a prioridade destes imigrantes é o trabalho. Esta é a principal razão pela qual estão em Portugal. O trabalho é encarado de forma escrupulosa, nomeadamente o horário, o ritmo e a produção. O trabalho dignifica o homem e é o único meio legítimo de subsistência. A auto-estima do indivíduo adquire-se em grande medida no exercício da actividade profissional; proporcionando auto-realização.

“No nosso país, a pessoa que não está a trabalhar é considerado quase um criminoso, até foi um artigo no código penal quem não trabalha sem digamos sem causa justa durante seis meses, pode ser forçado a trabalhar, pode ser condenado trabalhos forçados, não isto, mas prontos tem de ser, pode ser obrigado a trabalhar por exemplo não sei como se chama aqui estes trabalhos de serviço público, sim e portanto para nós, então para os russos o único meio digno que permite sobreviver é trabalho e portanto para nós o que significa que (...) quem não trabalhar não tem direito a comer ...” (Entrevista 24, Associações de Imigrantes)

A solidariedade só se concretiza entre familiares muito próximos, ampliando-se aos indivíduos da mesma nacionalidade em situações de elevada gravidade. Alguns dos entrevistados revelam que entre estes imigrantes não existem mecanismos de solidariedade informal; geralmente, não pedem apoios sociais, pedem apenas trabalho e não gostam de ficar dependentes das instituições, procuram subsistir por si próprios e encaram a ajuda caritativa como uma humilhação. Estes imigrantes não vão de encontro

ao paternalismo e ao caritismo que caracteriza algumas das instituições que intervêm junto destas populações. Acrescenta-se que estes indivíduos desconhecem a gratuidade; até porque na sociedade de origem “tudo tem um preço”.

Em 2000 e 2001, anos em que se tornou mais visível a presença da imigração de leste entre nós, a comunicação social e algumas das instituições de apoio social mitificaram a questão da qualificação escolar destes imigrantes. Os agentes sócio-institucionais fazem referência aos níveis de qualificação escolar, salientando que embora estes imigrantes detenham uma escolaridade média superior à dos portugueses (10 anos de escolaridade pelo menos), “descobriram” que a maior parte não tem um curso superior, mas sim cursos de carácter técnico (2 ou 3 anos, após os 10 anos de escolaridade). Também se desmistifica a qualidade do trabalho efectuado pelos imigrantes, não são melhores trabalhadores que os nacionais e outros imigrantes, até porque na sua maioria desempenham actividades para as quais não estão (porque sobre) qualificados, nem têm experiência profissional nas áreas de inserção laboral na sociedade de acolhimento.

A educação que podem proporcionar aos filhos é uma preocupação central para estes indivíduos; aqueles que são pais desejam que os filhos tenham um curso superior, daí também se encontrar entre quem imigra pessoas com idades acima dos 50 anos. Revelam um forte investimento na educação dos filhos, o que implica não só uma boa educação escolar, mas também a participação dos filhos em actividades extra-escolares (música, desporto, etc.). Estes imigrantes demarcam-se da sociedade de acolhimento pela forma e estilo de educação das crianças. É uma educação em que a disciplina e a exigência estão presentes, o respeito pelas regras e a obediência são aspectos prioritários, assim como a preocupação em transmitir valores universais. É um estilo de educação pautado por uma certa rigidez, comparativamente ao que acontece na sociedade de acolhimento. Os entrevistados de nacionalidade russa e ucraniana comparam o sistema de ensino e o estilo de educação praticado pelas famílias nacionais e num tom crítico consideram – que somos muito permissivos na educação das crianças, geralmente, não há regras; o sistema de ensino não aposta no rigor e na exigência e a formação

proporcionada é “muito fraca”. A maior parte dos imigrantes migraram para ajudar os filhos, os netos ou os pais (baixos valores dos subsídios de reforma). A referência à família centra-se essencialmente na família nuclear. Salienta-se a união e coesão das famílias. Para o homem que migrou sozinho a presença do cônjuge é um elemento de estabilidade e segurança afectiva, os homens ganham uma outra orientação na sua vida, o que não se verifica quando estão sós.

Na família e no casal a mulher/esposa tem pouca autonomia, muito dependente do marido, geralmente, não tem conta no banco, não tem propriedades, etc. A mulher apesar de trabalhar fora de casa, é ainda em grande medida dona de casa, e ela quem educa e toma conta dos filhos. A mulher tem múltiplas tarefas, enquanto que na óptica dos entrevistados a mulher portuguesa dedica-se ora à profissão, ora às tarefas domésticas.

4. Elementos de diferenciação entre ciganos e não ciganos

Entre os entrevistados, nomeadamente os pertencentes às Associações de Ciganos, emerge a ideia de que não há muitas diferenças entre ciganos e não ciganos, a diferença prende-se essencialmente com as tradições ciganas, que impõem modos de socialização e mapas de orientação de vida diferentes. Reiteram com veemência que as tradições ciganas se têm perpetuado ao longo do tempo e que nunca se irão perder.

Entre os representantes não ciganos ressalta-se que a rigidez das tradições e da lei cigana leva a que não se verifiquem mudanças substantivas no grupo, antes uma cristalização identitária resultante de uma certa impermeabilidade e resistência face à sociedade envolvente. Estes entrevistados referem-se aos ciganos como constituindo uma comunidade, os representantes ciganos por seu turno, falam em comunidade cigana, mas também em povo cigano e esporadicamente em raça cigana. Alguns referem que nem sempre gostam de ser chamados de cigano, nomeadamente se o interlocutor usar de um tom provocatório. Embora, os modelos mentais dos ciganos não se confinem à oposição ciganos/ não ciganos; discursivamente o contraste estabelece-se face aos *senhores*, também *payos*, *lacorrilhos*, *pailhos*, *lusos* ou *brancos*.

Para os entrevistados, os ciganos são facilmente identificáveis principalmente através do vestuário, da cor da pele, do cabelo, etc.; o seu aspecto e a sua apresentação

física tendem a criar distanciamento. Ou seja, estes factores de identificação visual são factores de conotação negativa e criam desde logo afastamento e segregação.

Na sua forma de agir, os ciganos são considerados como sendo francos, autênticos, envolventes, expansivos, astuciosos, inquietos, amigos e afectuosos. A amizade, o afecto e o calor humano são qualidades destacadas como sendo apreendidos em família. Os representantes com pertença ao grupo étnico cigano assinalam que o cigano diferentemente do não cigano, tem “bom coração” e é “puro” na interacção e nos sentimentos que demonstra face ao outro.

“São, uns com os outros e o cigano tem bom coração, mas tem o sangue muito quente, como costume dizer, ferve em pouca água e...e qualquer coisa explode, vê, mata, fere mas é o primeiro a dar a mão a uma pessoa quando a vê caída, isso é, tem muito bom coração e é aquela pessoa assim, eu pensava que não, eu dizia “os lusos são pessoas mais séria, dão a mão com mais facilidade” ”. (Entrev. 32, Associações de Ciganos)

O cigano é ainda percepcionado como mais emotivo, temperamental, sentimental, com menos capacidade de auto controle, em comparação com a racionalidade que caracteriza o modo de agir do não cigano. O cigano tende a romancear os acontecimentos porque o sonho e o encantamento são elementos que estão presentes no quotidiano simbólico deste grupo.

“(...) por exemplo, um cigano – um filho está numa paragem de autocarro com um bebé pela mão, se deixa o bebé grita a família toda, tem que ir logo a correr apanhar, vocês têm já outra calma, conseguem dizer: “anda cá à mãe”, têm o sangue mais frio, têm mais calma, não sei explicar. Somos mais emotivos. Por exemplo, se uma criança está com febre corre a família inteira para o hospital, vocês não, primeiro têm aquela paciência de ligar para a saúde, para a Medis, ou qualquer coisa de saúde, têm essa paciência de ver, de medir a febre para ver se está elevada, dar um banho, para ver se a febre baixa. Nós, não, agarramos e vamos logo todos – tios, sobrinhos, tudo para o hospital e fica logo tudo à porta, porquê?” (Entrev. 11, Associações de Ciganos)

É consensual entre os entrevistados a ideia de que nas relações entre ciganos e não ciganos está presente uma permanente e mútua desconfiança. As relações com os não ciganos são geralmente relações interessadas, comerciais e distantes.

“Muitas vezes as pessoas vêem os ciganos com medo e desconfiança, ainda vêem, não é? Só que é assim, o cigano também tem medo e desconfiança. Porque o mesmo medo que vocês têm de nós, nós temos de vocês. Só que é assim: vocês defendem-se como sabem, que é escondendo-se de nós, escondido no sentido figurativo, não é esconder esconder, afastando-se, apartando-se de nós. E nós, criamos uma defesa com a família e também não vos deixamos aproximar. O cigano não vê a sociedade maioritária, o branco, o não cigano como amigo em princípio”. (Entrev. 11, Associações de Ciganos)

Alguns actores sócio-institucionais usam de um discurso avaliativo que deixa antever uma concepção evolucionista face aos ciganos, enquanto grupo que não se desenvolveu e evoluiu; de certo modo são “atrasados”, por isso, perdidos no tempo actual, porque não se modernizaram.

As características da emotividade, da pureza de sentimentos e até da agressividade atribuídas aos ciganos relacionam-se com o facto destes indivíduos serem “pouco evoluídos e pouco desenvolvidos”. A forma como interagem tem particularidades: falam alto, dizem tudo o que pensam e gesticulam muito. Os ciganos têm uma expressividade corporal e gestual vincada, assim como uma forma peculiar de colocar a voz (uso de um tom grave).

“Depois, há uma forma de reagir que eu penso que tem muito mais a ver com a experiência de vida, as pessoas são muito quentes a reagir porque não têm muitas palavras, como as pessoas mais evoluídas culturalmente, são mais racionais; eles são muito aguerridos, reagem às vezes com muita força e violência perante as coisas”: (Entrev. 3, Outras ONG's)

Principalmente para os representantes das instituições sem pertença ao grupo cigano, os ciganos são ainda agressivos e violentos; usam a força para provocar sentimentos de medo e receio, esta forma de agir é percebida como uma estratégia para conseguir o que querem e assim obrigar os não ciganos a ceder. Os representantes com pertença ao grupo cigano acham que estes atributos fazem parte do estereótipo do

“ser cigano”. A informação estigmatizante de que o cigano se envolve em rixas e tiroteios está presente nas representações da sociedade dominante, fruto do desconhecimento e incompreensão da cultura cigana.

“(...) têm bom coração só que pronto, é a vida deles e depois tornam-se agressivos e as pessoas não sabem das tradições deles e depois há tiros, há facadas, essas coisas e, mas tem a ver com a tradição nossa porque nós não vamos para um tribunal e, então, resolvemos as coisas às nossas maneiras. Há aquelas coisas que é os ciganos que vão resolver, mas se não conseguirem, vão para a violência e dos ganhe aquele que...”
(Entrev. 32, Associações de Ciganos)

Os ciganos são ainda considerados como um grupo que aprendeu a viver na marginalidade, desenvolvendo um “tipo de vida marginal” (com leis e com um tribunal próprios), porque excluídos e arredados para as margens da sociedade. O afastamento e evitamento não são mais do que comportamentos defensivos accionados quer por ciganos, quer por não ciganos.

“São desenrascados, são muito inventivos, são de uma tenacidade à prova de fogo, quer dizer, são pessoas muito amigas do seu do seu amigo desde que descubram que o seu amigo é leal e honesto. Têm uma capacidade de improvisação, do desenrasca, de não se deixar abater por qualquer dificuldade...é surpreendente, de facto, e nesse aspecto eu penso que temos aprender com eles e temos que aprender, em geral, com as pessoas que vivem na marginalidade, não em termos de legalidade, mas marginalidade de exclusão sócio-económica que, apesar da vida difícil, consegue enfrentar o dia-a-dia com um sorriso e com optimismo, isso é que eu me pergunto de nós seremos capazes, os, os chamados brancos, classe média sócio-económica relativamente estável e culturalmente aceitável, somos capazes de nos imaginar nas suas condições com esse sorriso, essa força que têm dentro de si”. (Entrev. 33, Outras ONG’s)

A vivência nas margens permitiu desenvolver a capacidade de maximização das estratégias e das oportunidades para garantir a sobrevivência. Assim sendo, dada a sua capacidade de improvisação e de iniciativa, os ciganos parecem deter um vasto e profundo conhecimento sobre o uso de esquemas inventivos de desenrasque. Alguns dos agentes sócio-institucionais referem as relações de dependência que o grupo desenvolveu

com os serviços públicos ligados à segurança social e à saúde. Segundo os entrevistados, em contacto com estes serviços os ciganos tendem a assumir uma postura de prepotência e oportunismo, ou ainda de utilitarismo porque têm o domínio sobre o seu funcionamento.

“Agora se me disser que eles têm características genéticas de empreendedorismo, de iniciativa, de... ah, isso têm e quando a gente fala na parte negativa da dependência dos serviços e na utilização até ao tutano, até ao limite dos serviços, isto também revela algum espírito de domínio. Nem tudo é negativo... há coisas que até parecem negativas, até porque alimentam-se ou são alimentados...” (Entrev. 9, Organismos Públicos)

Os ciganos parecem ter uma diferente concepção face ao trabalho: são os próprios que chegam a dizer que *“os ciganos trabalham para viver e os senhores vivem para trabalhar”*. Para os não ciganos, o trabalho é um valor que está acima da família, contudo, esta valorização não recai sobre o trabalho em si, mas sim sobre o dinheiro resultante da actividade profissional. Diferentemente, para os ciganos as obrigações familiares sobrepõem-se ao mundo do trabalho.

“ Para mim, isto é para os ciganos é muito mais importante eu se tivesse um filho num hospital, enquanto o meu filho estivesse no hospital eu não saía d’ao pé dele, nem que ficasse despedida ao fim de um mês, só que os ciganos é assim. O que nos importa mesmo é a família, a família é muito importante, é o centro, é mais importante que tudo e qualquer coisa”. (Entrev. 11, Associações de Ciganos)

Mais do que uma actividade económica a venda ambulante é considerada como um modo de vida. Os ciganos têm uma forma diferente de organizar o tempo, prezando a liberdade e a autonomia, por isso desenvolveram hábitos de trabalho por conta própria. O trabalho por conta própria permite que os ciganos sejam “patrões de si próprios” e por outro lado, dá-lhes liberdade para gerir o tempo como quiserem. Para os não ciganos, estas particularidades na forma como os ciganos encaram o trabalho não é mais do que uma forma de insubmissão e de recusa face ao trabalho.

“Pronto. Isto, nem que passem mais 500 anos por cima deles...isso não acaba. É muito, mas muito difícil o cigano cumprir horários porque você sabe que a gente vive em

perfeita liberdade, a gente vai para a venda, se lhe apetecer chegar às 9, chega às 9, se lhe apetecer chegar às 8, chega às 8, se lhe apetecer sair as meio-dia, sai ao meio-dia, se lhe apetecer sair às 3, sai às 3, portanto, o cumprimento de horários é muito difícil, o trabalhar em sítios fechados também é muito difícil...” (Entrev. 32, Associações de Ciganos)

São considerados como tendo capacidades especiais de venda e de expandir mercados, e a este propósito, alguns dos entrevistados referem que os ciganos são bons observadores e facilmente conseguem perceber como é a personalidade de uma pessoa. Dos discursos emerge o domínio psicológico do cigano sobre o não cigano, evidenciando-se atributos como a astúcia, a arte do engano, a mentira, a leitura da sina, etc.

“Chegam facilmente às conclusões e conseguem, é bom por um certo sentido, mas também é bom para as enganar, mas também é bom para ver donde é que ele está, por isso é que dizem “o cigano enganou-me, o cigano não sei quê”. Porque eles com meia dúzia de conversas vão subtraindo depressa. Por isso é que eu digo que eles são inteligentes quando querem. E também tem as astúcias, quando não querem fazem-se também não fazem nada. Isso a doutora também já sabe. Eu por aqui também já tirei as minhas conclusões...” (Entrev. 18, Associações de Ciganos)

Os próprios representantes ciganos salientam que o cigano vive para o presente, valorizam o “instante eterno”, por outras palavras, só existe o momento, não sabe o que é o futuro e por isso não vive em função do amanhã. Esta é uma das razões que permite compreender a forma como tendem a encarar o dinheiro: em comparação com o não cigano têm um menor apego ao dinheiro, dificilmente fazem poupanças para o médio ou longo prazo, não deixam heranças para os vindouros; o dinheiro é para gastar em vida.

“É no momento! O cigano não vive o amanhã, é isso. O não cigano pensa no futuro, o cigano vive o dia só, não há amanhã. Nós, o amanhã não existe, só existe o dia de hoje. Se o cigano apanhar 50 cts. Ele vai comprar marisco para a família inteira, faz uma grande almoçarada, dá roupas às filhas da Zara, amanhã não tem um tostão, mas a vida é assim porque eles viviam em acampamentos, a fugir à polícia, como é que iam pôr

dinheiro nos bancos, como é que iam governar a vida, só viviam o dia de hoje". (Entrev. 11, Associações de Ciganos)

A família ocupa na sociedade cigana um lugar de centralidade; este é o valor mais importante e está acima de tudo. A família sobrepõe-se ao indivíduo, e o indivíduo nunca está sozinho ou desapoiado, as relações familiares são simultaneamente relações de defesa e de protecção. Outrora, a família alargada era a referência, na actualidade, é a família nuclear. Para alguns dos entrevistados ciganos a sedentarização e os processos de realojamento tiveram como efeitos a dispersão e a separação das famílias. A autoridade é patriarcal, o homem é que "tem valor", porque é o chefe da família, sendo ainda muito forte o sentimento de respeito e obediência ao pai.

"Depois, há outros valores de referência, como o respeito pelo pai, nós estamos numa sociedade moderna muito individualista, em que fazemos um percurso individual em que cada um vale muito por aquilo que aprendeu, pelo percurso que fez, não quer dizer que não se goste do pai, mas não há esta relação de respeito que é uma visão patriarcal do pai; acontece que mesmo um homem adulto não tem nenhuma vergonha de dizer que respeita muito o pai, com aquela veneração de ir todos os dias visitar o pai..." (Entrev. 3, Outras ONG's)

As mulheres por seu turno, são as principais transmissoras de cultura e as guardiãs das tradições, são elas que educam os filhos e que geralmente exigem a aplicação da lei cigana. Sobre elas recaem responsabilidades acrescidas; trabalham muito e são dotadas de uma elevada capacidade de sacrifício.

"Depois, há outras características que têm a ver com a educação, provém da cultura, que é a capacidade de sacrifício das mulheres, mas que elas aprendem e aceitam como natural – é a pessoa que faz tudo pela família, mesmo para além das suas posses. A pessoa está muito doente, mas cumpre com todas as suas obrigações, para lá daquilo que seria aceitável; está quase a morrer e ainda faz tudo para a família, ainda cumpre todas as regras; (...). Há uma capacidade de sacrifício, principalmente por parte do elemento feminino, que às vezes nos comove e nos impressiona, mas que tem muito a ver com aquilo que se bebeu em criança; as pessoas assumem coisas para além daquilo que é humano e que se possa exigir a alguém". (Entrev. 3, Outras ONG's)

O casamento é ainda um contrato familiar em que a família tem um peso enorme na escolha do cônjuge e por norma, casa-se dentro da mesma família. Face a esta rigidez, o fugimento é uma estratégia a que recorrem cada vez um maior número de jovens, como a única forma de poder casar com quem gostam na realidade.

A endogamia e o fechamento face a casamentos mistos são perspectivados pelos representantes não ciganos como fazendo parte da tradição. Estas práticas reflectem-se na característica mais citada pelos interlocutores: o fechamento e autarcia da comunidade face ao exterior.

“É muito difícil porque é uma comunidade muito fechada, extremamente endógena, casam no grupo, vivem em grupo, portanto, não deixam entrar grandes ideias diferentes e, portanto, mantêm os seus rituais e as suas ideias de há muitos anos, mantêm-se fechadas e, portanto, têm um bocado dificuldade de integração porque, muitas vezes, também não querem ser integrados, querem viver fechados dentro do país, mas sem ter que abdicar de nada da vida e nada lhes interessa, tudo o que diz respeito ao resto não lhes interessa, é um bocadinho complicado”. (Entrev. 9, Outras ONG's)

Um casamento segundo a tradição, mesmo que corra mal nunca se dissolve, porque a tradição é mais forte, o que não acontece em princípio com as uniões mistas. As raparigas nem colocam a hipótese de casar ou se apaixonar com um não cigano. A rejeição face aos casamentos mistos protagonizados pelas mulheres é essencialmente uma estratégia de defesa identitária, *“é uma questão de medo de perder a identidade cultural que nós temos – a nossa maneira de ser, e ao casar com uma pessoa que não segue estas tradições e que não faz parte desta cultura é no fundo perdê-la, é só o que temos, nós não temos um país de referência, nós não temos uma religião de referência, somos de todas, a única coisa que nós temos é esta cultura que prevalece há 2 mil anos”.* (Entrev. 11, Associações de Ciganos)

A virgindade da rapariga é um dos principais valores que viabiliza o casamento segundo a lei cigana e que demarca bem as fronteiras entre este grupo e os não ciganos. Por isso mesmo, a censura e o controle social é muito apertado, no que respeita às raparigas solteiras, exigindo-se destas uma elevada rigidez moral e de comportamentos.

Devido a esta pressão e controle grupal os pais afastam as raparigas da escola logo que *“as meninas começam a ter formas de mulheres”* (Entrev. 18, Associações de Ciganos). *“Há o facto de esta cultura ter mantido tradições muito próprias e, sobretudo, ter-se fechado muito nela com os matrimónios, como sabe, são entre eles... os matrimónios são entre eles, há regras que se transmitem de família em família que ninguém pode, de facto, mudar a rapariga tem que ir virgem para o casamento, as mais velhas observam-na, não é? Porque a família, portanto, não há paixão, portanto, os pais é que decidem os casamentos ainda, não é, portanto, mas ai dela se não vai virgem e se as velhas notam qualquer coisa, está tudo arrumado, e ai do rapaz que falte à honra à rapariga antes do casamento, etc. (...) portanto, há assim uma série de regras que a comunidade mantém e que até um bocadinho talvez fechado ao mundo”*. (Entrev. 10, Igreja)

Para os ciganos, às crianças tudo é permitido, são um motivo de alegria, são alvo de uma protecção excessiva e é impensável serem alvo de ofensas ou de maus tratos. Rejeita-se a institucionalização dos idosos, respeita-se e presta-se apoio aos mais velhos. Os mais velhos sabem dar conselhos, têm sabedoria, sabem tomar decisões e conhecem bem as tradições e a lei cigana.

Na actualidade, a solidariedade centra-se essencialmente na família nuclear, só extravasando para a família alargada e para a comunidade em momentos e situações dramáticos. Algumas das instituições que intervêm há mais de 20 anos junto dos ciganos afirmam que a solidariedade entre os ciganos é um mito, hoje, já não são tão unidos, há um maior individualismo, os ciganos só são unidos nas desgraças (morte e hospitalização) e nos casamentos.

O caló ou romanon conserva ainda algumas palavras em Romani e funciona mais como uma *“língua secreta”* e não como um veículo alargado de comunicação quotidiana. É encarado pelos interlocutores como um código comercial, destinado a desaparecer porque é usado raramente. Grande parte dos entrevistados referem que as novas gerações já não sabem falar caló, sabem apenas algumas palavras, mas já não são capazes de estabelecer e manter uma conversação.

Notas finais

A integração social destas duas populações é uma preocupação central no discurso produzido pelos actores sócio-institucionais em torno da diferença dos imigrantes de leste e ciganos face à sociedade maioritária. Aparece como um objectivo inerente à própria acção de alguns dos actores sócio-institucionais.

Apesar das dificuldades linguísticas e das dissemelhanças culturais, os imigrantes de leste mostram vontade em se incorporar na sociedade de acolhimento, havendo uma maior auto-identificação entre estes imigrantes e os nacionais (até porque somos um país de emigração), facilitada pela empatia associada ao seu aspecto físico e por uma certa admiração face aos recursos escolares de que são portadores.

Quanto aos ciganos exteriormente e visualmente parecem estar cada vez mais parecidos com os não ciganos, o que é mais notório na sua apresentação física, principalmente no vestuário. Contudo e na opinião dos agentes sócio-institucionais, o fechamento, as práticas endogâmicas e a persistência da lei e das tradições ciganas tornam difícil a sua integração. Evidencia-se o desinteresse dos ciganos face a tudo que é exterior à vida do *ingroup*, nomeadamente, a ausência de participação dos ciganos nas actividades da sociedade envolvente. Na óptica do discurso dominante a sociedade mostra abertura e oferece-lhes múltiplas oportunidades de integração, os ciganos é que se afastam e não se querem integrar.

A categoria ou *label* surtiu efeitos ao nível da produção de características que identificam os indivíduos como ciganos e imigrantes de leste. A categorização assumiu um papel activo na construção das percepções e representações por parte dos agentes sócio-institucionais entrevistados. Mas, a qualquer processo de categorização subjaz mecanismos de dominação social.

Caracterizar comportamentos e traços culturais e considerá-los como aspectos que tipificam uma população ou grupo social é fixar, essencializar e reificar essas populações. Ser cigano ou ser imigrante de leste é performativo, na medida em que é apreendido e partilhado em interacção com o *ingroup* e com os *outgroups*.

Ciganos e imigrantes de leste não deixam de ser estranhos e estrangeiros, no caso específico dos ciganos, são estrangeiros internos (formalmente são cidadãos, mas social e culturalmente são estrangeiros).

Referências bibliográficas

- Anthias, Floya (1990), “Race and class revisited - conceptualising race and racisms”, *The Sociological Review*, Vol. 38, nº 1, pp. 19-42.
- Brito, Catarina Carneiro e Maria Henrique Espada (2000), “Bem vos quero imigrantes. Mal vos quero...”, *Focus*, 18, pp. 28-32.
- Cegarra, Marie (2002), “De la flexibilité du travailleur étranger”, *Histoire(s) d’immigration, Le Monde diplomatique*, 62, pp. 47-52.
- Fernandes, António Teixeira (1995), “Etnicização e racização no processo de exclusão social”, *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras do Porto*, I Série, Vol V, pp. 7-67.
- Garcia, José Luís (org.) (2000), *Portugal migrante. Emigrantes e Imigrados, dois estudos introdutórios*, Oeiras, Celta Editora.
- Goffman, Erving (1975), *Stigmaté. Les usages sociaux des handicaps*, Paris, Ed. Minuit.
- Jouët, Josiane e Dominique Pasquier (2001), *Resèaux*, 107, pp. 9-15.
- Lipiansky, E.M., Taboada-Leonetti, I. e Vaquez, A. (1997), “Introduction à la problematique de l’ identité” in Carmel Camilleri, et al., *Stratégies identitaires*, Paris, PUF, pp. 7-26.
- Lopez, Maria Luísa e Gonzalo Pato Fresnillo (1995), *Margem y periferia: representaciones ideológicas en los conflictos urbanos entre payos y ciganos*, Madrid, Asociación Secretariado General Gitano.
- Machado, Fernando Luís (1992), “Etnicidade em Portugal - contrastes e politização”, *Sociologia Problemas e Práticas*, 12, pp. 123-36.
- Pinto, José Madureira (1991), “Considerações sobre a produção social de identidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 32, pp. 217-31.
- PÚBLICA (2001), “São precisos 44 milhões de estrangeiros até 2050”, 1 de Abril.

Saint-Maurice, Ana de (1994), *Reconstrução das identidades no processo de emigração: a população caboverdiana residente em Portugal* (Dissertação de Doutoramento), Lisboa, ISCTE.

Santmaría, E. (2002), *La incógnita del extranõ. Una aproximación a la signification sociológica de la «inmigración no comunitaria»*, Barcelona, Anthropos.

Sassen, Saskia (2002), “Les migrations ne surgissent pas de néant”, *Histoire(s) d’immigration, Le Monde diplomatique*, 62, pp. 10-14.

Simmel, Georg (2004), *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio D’ Água.

Stoczkowski, Viktor (1999), “La pensée de l’ exclusion et la pensée de la différence. Quelle cause pour quel effet?” *L’ Homme*, 159, pp. 41-58.

Wieviorka, M. (dir.) (1997), *Une Société fragmentée? Le Multiculturalisme en Dèbat*, Paris, La Découverte/ Poche.

Wieviorka, M. e Jocelyn Ohana (dir.) (2001), *La Différence Culturelle, Une Reformalition des débats*, Paris, Ed. Balland.